

Narrativas e Tecnologia: Desafios para a “Pedagogia da Admiração”

Joice Aparecida de Souza Pinto¹

Resumo: Este artigo discute a possibilidade de refletirmos sobre a prática metodológica mediada por ferramentas tecnológicas. Ao mesmo tempo, tem por objetivo analisar o processo de elaboração de narrativas quando transformadas em novas mídias e como se estabelece esse processo de transformação a partir de contos orientais e ocidentais, em busca da “Pedagogia da Admiração”.

Palavras chave: histórias. contar histórias. educação. novas mídias. Pedagogia da Admiração.

Abstract: This paper discusses the appropriate media for storytelling in education. And how can tales be adapted to new media in “Pedagogy of Admiration”.

Keywords: tales. storytelling. education. new media. Pedagogy of admiration.

Introdução

Ao início do século XXI, as transformações econômicas, políticas, sociais e educacionais exigem repensar as práticas de ensino, as quais, muitas vezes, apresentam-se, fortemente, entrelaçadas às práticas tradicionais. Percebe-se que um dos grandes desafios é estimular os alunos à leitura, à reflexão, à escrita, pois parecem desinteressados, independentemente de qual seja a proposta ou o objeto de estudo.

Se nos apropriarmos de caminhos alternativos, podemos ter uma interação mais crítica e construirmos, também, percursos alternativos com propostas desafiadoras, ou seja, o acesso à prática aliada à tecnologia exige atitude crítica e renovadora. Este desafio passa a criar uma nova ação docente, na qual professor e aluno participam conjuntamente de todo o processo, para Behrens 2006 (apud GADOTTI 200, p. 251) “isso supõe uma cultura geral, o que não prejudica o domínio de certos assuntos especializados. Aprender a conhecer é mais que aprender a aprender”, assim, a construção do conhecimento se concretiza a partir da interação constante de ferramentas de aprendizagem.

Do mesmo modo que a contemporaneidade exige práticas diferenciadas, pluralidade de conhecimento, interações sociais, é preciso que o aluno seja capaz de ser reconhecer como ser pensante e protagonista do processo, o qual deve estar intrinsecamente relacionado a sua história, sendo ele o participante ativo de seu espaço social. Resgatar narrativas é fundamental na contextualização de sua história, pois evidenciam presente, passado e projeta futuro, são enredos vivos e atemporais, podemos relacionar essa ideia com a concepção gramatical/árabe do passado, quando (TOMÁS, apud LAUAND, 1997, P.115) já afirmava que: “É *mister* tomar do passado o argumento para o futuro. E, assim, a memória do passado é necessária para bem aconselhar-nos sobre futuro”, a partir da leitura, roda de leitura, análise e interpretação e o ato de relacioná-las com o cotidiano é ponto primordial para formação do ser humano.

Na seleção das narrativas, foi essencial escolher temáticas diferenciadas e atemporais, desde contos milenares orientais até ocidentais e contemporâneos. Para o referido trabalho utilizamos um total de dez contos, sendo que foram editados catorze vídeos – pelo fato de alguns terem mais do que uma versão. Quanto aos orientais por

¹. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Univ. Metodista de São Paulo.

serem tão significativos e porque transpassam gerações e gerações, como: *O amor e o velho Barqueiro* e *O preço da fumaça* – revisitados por Malba Tahan; *A centopeia e o sapo* e *A Jangada de Buda*, *El Greco e a luz*, *O Espelho* e *O vaso de porcelana e a rosa* – alguns revisitados por Jean-Claude Carrière – e, também, os contemporâneos: *O menino que escrevia versos* – Mia Couto, *Uma vela para Dario* – Dalton Trevisan; *Medo da eternidade* – Clarice Lispector.

Quanto à escolha do gênero narrativo, justifica-se porque em todas as culturas há “anécdotas”, que são contos, histórias, causos, provérbios, fábulas, etc, enredos apresentados desde a antiguidade, seja no Oriente ou no Ocidente e, também, na contemporaneidade, o que proporcionou ampliar o campo do conhecimento através de uma viagem cultural desde os primórdios até a atualidade, enriquecendo o conhecimento de mundo e a percepção da realidade que, para Garcia Hoz (apud LAUAND, 1997, p.12), é visível “a significação especial que estudos sobre cultura popular adquirem na educação pós-moderna: tradições milenares são consideradas as mais audazes e indispensáveis”.

Paralelamente, as narrativas fazem parte da nossa vida, da nossa história, da nossa identidade. Conforme Carrière (2004, p. 12) “(...) sem narrativa, e sem possibilidade de contar essa narrativa, não somos ou somos muito pouco. E como uma história, antes de tudo, é um movimento de um ponto a outro, que jamais deixa as coisas no seu estado inicial, vivemos nessa vazão, nessa mudança. Temos começo, meio e fim.”

Sendo assim, a prática observada se estabeleceu a partir do resgate de alguns contos que foram analisados a partir da leitura e oralidade que conduziu às reflexões, aos debates, relações intertextuais e contextualizações com a atualidade etc. e, em seguida, o início do projeto para transformá-los em novas mídias.

Neste retorno às narrativas e com a possibilidade de transportá-las para novas mídias, foi possível proporcionar vida aos personagens utilizando-se de recursos tecnológicos, bem como publicação na internet, “a história contada subsiste nas mídias modernas e se espalha através da internet” Carrière (2008, p.11).

Por conseguinte, os alunos ativaram novas possibilidades e estratégias de leituras vinculadas à possibilidade da transposição em veículos de comunicação virtual, efetivando-se a interação autor-texto-leitor e a leitura como uma atividade de produção de sentido. (KOCH, 2010, p. 13) “o papel do leitor enquanto construtor de sentido, utilizando-se, para tanto, de estratégias, tais como seleção, antecipação, inferência e verificação”.

Desta forma, com a abordagem direcionada à efetivação da interação e a possibilidade de um novo olhar que pudesse direcionar à “Pedagogia da Admiração”² (2012), que está estritamente relacionada aos acontecimentos do cotidiano. Contudo, ao nos referirmos a tal prática, estamos transcendendo o limite do lugar comum e possibilitando olhares projetados por infundáveis caminhos, o que poderá promover um abalo admirativo.

Para tanto, novas metodologias pressupõe uma prática reflexiva a partir de experiências significativas, a fim de que o educador se sinta capaz de contribuir para a

² Considerando-se o artigo de Lauand “Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração”, elaborado a partir das ideias do filósofo alemão Josef Pieper, evidencia-se que a estrutura de uma instituição como a universidade é a mesma do filosofar, e ainda, a mesma da existência humana. Desta forma, as situações do cotidiano são inerentes ao mundo do trabalho e o ato de filosofar; e é da admiração que se suscita a questão filosófica. Se nas práticas educacionais temos um estudo mecânico o qual, na maioria das vezes, não conduz à reflexão, não se evidencia a sensibilidade e, um estudo sem significado, torna-se vazio e interessante.

formação do aluno e que estes se reconheçam como seres sociais pertencentes ao espaço no qual estão inseridos.

Desenvolvimento.

O projeto aconteceu na E.E. Prof^a Marilene de Oliveira Acetto, localizada na cidade de Mauá – São Paulo - e envolveu alunos do Ensino Médio, incluindo 1º, 2º e 3º anos. O gênero narrativo, especificamente o conto, faz parte da proposta curricular do Ensino Médio, o que facilitou muito o desenvolvimento.

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma sequência didática, a aderência ocorreu de maneira voluntária, considerando um total geral de oitenta e um alunos frequentes no Ensino Médio; a participação efetivou-se com o total de setenta com participação direta.

O período de aplicação foi de aproximadamente quatro meses, durante as aulas de Língua Portuguesa e os onze alunos que não participaram diretamente do projeto com recursos tecnológicos efetivaram todo o processo, menos as filmagens - ou porque se desestimularam, ou por excesso de faltas ou, mesmo, desinteresse com a proposta.

A Direção estava consciente da realização, que passou a fazer parte do Plano de Ação e do Plano Gestão da Unidade Escolar. Da mesma forma, a Diretoria de Ensino foi informada, através das PCNPs³, da realização trabalho desenvolvido e tiveram acesso ao *link*⁴ onde as narrativas estavam publicadas, como segue, no total de catorze, respectivamente:

<p><i>A centopeia e o sapo</i> -https://www.youtube.com/watch?v=LlJ9r7h9IUE <i>A jangada de Buda</i> - https://www.youtube.com/watch?v=F6qkD0Z9RRk <i>O preço da fumaça</i> – https://www.youtube.com/watch?v=p53lsJ6KABk (meninas) <i>O preço da fumaça</i> - https://www.youtube.com/watch?v=r1zIbbIYibA (meninos) <i>O amor e o velho barqueiro</i> – https://www.youtube.com/watch?v=CX6SBCnUOpQ <i>O vaso de porcelana e a rosa</i> - https://youtube.com/watch?v=s6caQRf5Lu (meninas) <i>O vaso de porcelana e a rosa</i> - https://youtube.com/watch?v=oSGibt6hPm (meninos) <i>O espelho</i> – https://www.youtube.com/watch?v=qxyxW8Ac_0c <i>El Greco e a Luz</i> – https://www.youtube.com/watch?v=at5NKm2LOIA <i>Medo da eternidade</i> – https://www.youtube.com/watch?v=3mE9Slcbs34 <i>Uma vela para Dario</i> – https://www.youtube.com/watch?v=Glrte2_LRhw <i>O menino que escrevia versos (legendado)</i> https://www.youtube.com/watch?v=I6ZfQL40810 <i>O menino que escrevia versos (áudio)</i> https://www.youtube.com/watch?v=ZIaL0ZVvc8A <i>O menino que escrevia versos (fotonovela)</i> https://www.youtube.com/watch?v=hjLXolJLLTM</p>

Todas as filmagens se efetivaram dentro do espaço escolar, como também elaboração do *story board*, roteiro, cenário, caracterização de personagens, definição do foco da narrativa, percepção da mensagem explícita e contextualização, enfim todos os recursos necessários.

Os vídeos foram editados na ferramenta *movie maker* nos seguintes formatos: vídeos com legenda, áudio original, fotonovela (neste caso utilizaram a ferramenta *superlame*) e *stop motion*. Foram produzidos com aparelhos celulares e a edição foi elaborada por alguns alunos que ficaram responsáveis pelas filmagens, fotografias, sequenciação da narrativa, confecção de personagens, pinturas, efeitos, entre outros.

³ Professores coordenadores de oficina pedagógica.

⁴ Canal: Joice Souza Pinto. Projeto narrativas e tecnologias, disponível no youtube. <https://www.youtube.com/channel/UCzJxNW9FqTtiEmZ3ORHCi8Q> - acesso em 24/09/2015.

Resta-me encarecidamente, somente, agradecer aos meus queridos alunos pela participação, desempenho, dedicação, colaboração no decorrer do processo e pelo grande aprendizado que o trabalho proporcionou-me, pois, na maioria das vezes, aprendemos juntos no decorrer das reflexões e, principalmente, em se tratando das ferramentas tecnológicas, pois sem a participação e os depoimentos deles esse trabalho não se efetivaria.

Estudo dos casos: Narrativas como guias de vida.

O processo de seleção das narrativas ocorreu a partir da leitura de contos orientais e ocidentais, o que podemos denominar, também, de *mathal*⁵. A partir da apresentação de sinopses, de leitura de encantamento e análises os alunos tiveram liberdade para escolher as narrativas com as quais mais se identificaram.

A partir das leituras, as aulas direcionadas ao projeto, em média uma vez por semana, passaram a ser estruturadas com exemplos concretos relacionados aos pensamentos, atitudes, virtudes e decisões de cada um dos personagens, ilustrados a partir das narrativas. Se nos reportarmos ao Oriente, temos a importância da pedagogia do *mathal* que se volta para o concreto, conforme afirma Paul Auvray (apud LAUAND, 1997, p. 51) “[...] sobre as línguas semitas, analisa uma característica importante: seu acentuado voltar-se para o concreto”.

Simultaneamente, salientamos a relevância da Pedagogia do *mathal*, a qual exalta o conhecimento a partir do sensível, que está diretamente direcionado ao sentido amplo e metafórico, sabendo-se que a linguagem é, na maioria das vezes, muito mais ampla do que poderíamos supor e com os estudos dos contos, esse efeito concretizou-se.

Sobre essa abordagem corrobora (LAUAND, 1997, p. 73):

Dessa afirmação decorre, imediatamente, que mesmo as realidades mais espirituais são alcançadas através do sensível. “Ora – prossegue Tomás -, tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecimento por comparação (*per comparationem*) com as coisas sensíveis e naturais. (...) além do mais, sugere-nos que o sentido extensivo e metafórico está presente na linguagem de modo muito mais amplo e intenso do que, à primeira vista, poderíamos supor.

Sobre o exposto, fica evidente a percepção metafórica no conto *Medo da Eternidade*, primeiramente ao relacionar o chiclete com a efemeridade da vida e, posteriormente, comparar com a eternidade - que nos remete às inúmeras interpretações; ao mesmo tempo o fato de a semântica lexical nos remeter a uma reflexão psicológica que extrapola a leitura comum e mergulha em questionamentos existenciais, em que há a comparação da passagem da vida com o sabor do chiclete, revelando-nos as dificuldades, as superações e o amadurecimento, que fazem parte do cotidiano de todos.

Diante do exposto, as abordagens que partem do concreto se tornam mais consistentes e próximas da realidade, principalmente, considerando-se a relação significado e significante, pois a imagem se concretiza em nossas mentes com a

⁵Advirta-se, desde já, que a língua árabe (e a hebraica) condensa em uma única palavra *mathal* (pl.: *anthal* / hebr.: *mashal*; *mashalim*) conceitos, para nós distintos, como: provérbio, parábola, metáfora, conto etc.

dimensão do pensamento figurativo. Lauand (ibidem) afirma que “(...) este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita é (...) fenômeno humano, em alguma medida está presente em todas as línguas”.

Podemos exemplificar o exposto a partir do conto *O amor e o velho barqueiro* (TAHAN, 1963, p.67-68), que nos traz uma bela reflexão sobre as adversidades da vida, envolvendo amor, sofrimento, desprezo e tempo, enfatizando a necessidade do esquecimento e da superação que envolve um coração apaixonado. Entretanto, se utiliza da prosopopeia para dar vida aos sentimentos que são abstratos: Amor, Sofrimento, Desprezo e Tempo e, assim, os tornam concretos.

Vejamos:

O Amor e o Velho Barqueiro

Chegando, afinal, à margem do grande rio, o Amor avistou três barqueiros que se achavam indolentes, recostados nas pedras.

Dirigiu-se ao primeiro:

- Queres, meu bom amigo, levar-me para a outra margem do rio?

Respondeu o interpelado, com voz triste, cheio de angústia:

- Não posso, menino! É impossível para mim!

O Amor recorreu, então, ao segundo barqueiro, que se divertia em atirar pedrinhas no seio tumultuoso da correnteza.

- Não. Não posso – recusou secamente.

O terceiro e último barqueiro que parecia o mais velho, não esperou que o Amor viesse pedir-lhe auxílio. Levantou-se, tranquilo, e, estendendo-lhe, bondoso, a larga mão forte, disse-lhe:

- Vem comigo, menino! Levo-te sem demora para o outro lado.

Em meio a travessia, notando o Amor a segurança com que o velho barqueiro barquejava, perguntou-lhe:

- Quem és tu? Quem são aqueles dois que se recusaram a atender ao meu pedido?

- Menino – respondeu, paciente, o bom remador – o primeiro é p Sofrimento; o segundo é o Desprezo. Bem sabes que o Sofrimento e o Desprezo não fazem passar o Amor!

- E tu, quem és afinal?

Eu sou o Tempo, meu filho – atalhou o velho barqueiro. – Aprende para sempre a grande verdade. Só o Tempo é que faz passar o Amor!

E continuou a remar, numa cadência certa, como se o movimento de seus braços possantes fosse regulado por um pêndulo invisível e eterno.

Sufrimento, Desprezo...Que importa tudo isso ao coração apaixonado? O tempo, e só o Tempo, é que faz passar o Amor.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CX6SBCnUOpQ> em 25/09/2015.

A partir da percepção do enredo e com a personificação dos sentimentos que pertencem à categoria abstrata, surgiu vida a cada um dos personagens e, desta forma, cada um se materializou – o que podemos evidenciar com a importância de se buscar o concreto, pois quando as situações tornam-se concretas o leitor passa a se identificar com a mensagem: cria, elucida, dá forma e vida aos personagens e se torna o próprio personagem.

Destarte, a relevância da construção do cenário, a criação do Amor e a representação simbólica evidenciada a partir das cores escolhidas para representar cada um dos barqueiros: O Sofrimento – o primeiro, representado pelo barco de cor preta⁶, o Desprezo – o segundo, representado pelo barco da cor marrom⁷, o Tempo,

⁶ Conf. Chevalier J.; Gheerbrant, A. Preto: “aspecto frio e negativo. (...) o preto exprime a passividade absoluta.

representado pela cor branca⁸ e o Amor representado pelo boneco com as cores vermelha⁹ e branca.

Fica aparente a expressão dos sentimentos representados simbolicamente pelas cores escolhidas, ou seja, um elemento representativo que permite a construção mental evidenciada a partir de um elemento concreto; mesmo que subjetivamente, direcionará à possibilidade de interação com o outro a partir “das linguagens que se confrontam, nas práticas sociais e na história que fazem com que a circulação de sentidos produza formas sociais e cognitivas diferenciadas” (PCNs).

A efetivação do trabalho com base nos elementos concretos, os quais são apresentados como roteiros de experiências diversificadas e se relacionam com a realidade presente na vida, atrelam-se ao processo de construção humana, nas situações quotidianas, no que entendemos por verdade e por modo de agir. Cabe-nos, aqui, Lauand (1989, p.49) “O agir humano é bom e bem ordenado quando procede da verdade, que afinal de contas nada mais é que o vir-a-encarar a realidade” e, assim, perceba que a realidade faz parte das nossas escolhas e decisões, nossos fracassos ou superações, para os quais se pressupõe sempre exemplos de vida que estão imbricados com o conhecimento.

Mergulhar no espaço juvenil, valorizar e transformar conhecimentos a partir de situações concretas está “na base de todo ensino, sempre está o retorno ao concreto, Tomás afirma que um homem nada pode ensinar a outro homem, senão movendo pelo seu ensino” Lauand (1997, p. 74), assim é desvendar o oculto, com base em situações concretas e situações que possam representar a realidade, compreender a necessidade de um novo olhar que seja capaz de promover nos educando o conhecimento das verdades ocultas: “Só o Tempo é capaz de passar o Amor”.

Pieper traz a colorida viveza do concreto, da experiência, o que torna a leitura algo fascinante, que se impõe com o peso da realidade, não permitindo sequer o aparecimento da célebre objeção contra a obscuridade dos filósofos, homens – assim se formula a irônica objeção – “com os pés firmes nas nuvens”. (LAUAND, 1987B, P.46).

O entendimento e a elaboração proporcionou aos componentes do grupo que se projetassem em outro espaço, em outro tempo e em outro mundo. Para Carrière (2008, p. 10) “(...) é, evidente, nos transportar em algumas palavras a outro mundo, àquele onde imaginemos coisas em vez de vivenciá-las, um mundo no qual dominamos o espaço e o tempo, onde colocamos personagens impossíveis em movimento (...)”, a transposição do formato do conto possibilitou aos alunos o entendimento, a criação, a percepção da realidade através dos elementos da narrativa.

Considerando o conto *A centopeia e o sapo*, também oriental, temos a evidência da mensagem oculta, a qual podemos denominar de implícita e, ao mesmo tempo, relacionar com célebre sentença de Ortega, a circunstância é promovida ao nível do eu: “*Eu sou eu e minha circunstância...*”, que pode ser percebido no referido

⁷ Marron. No entanto, está relacionado à repressão emocional e ao medo ao mundo exterior, também à estreiteza de planos para o futuro. Com frequência se relaciona com a carência de autoavaliação, uma falta de conhecimento sobre si mesmo. Disponível em: <http://www.euroresidentes.com/portugues/cores-do-zodiaco/significado-marrom.htm> - acesso em 20/09/2015.

⁸ Conf. Chevalier J.; Gheerbrant, A. Branco: símbolo da força, do poder, do socorro concedido, da proteção.

⁹ Ibidem (9). Vermelho: Universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho (...)

conto, quando a centopeia caminhava muito tranquila até que o sapo lhe pergunta: “- Por favor, em que ordem você movimenta suas patas?”

A centopeia e o sapo

Uma história chinesa relata uma pergunta realmente incômoda.

Uma centopeia vivia na mais perfeita tranquilidade, ocupando-se com seus muitos afazeres, até o dia em que um sapo, que costumava vê-la ir e vir, perguntou-lhe:

- Por favor, em que ordem você movimenta suas patas?

A centopeia entrou em seu buraco, profundamente perturbada pela pergunta feita pelo sapo. Pensou numa resposta possível, mas não conseguiu encontrá-la.

Ficou imobilizada na sua toca. Incapaz a partir de então, de movimentar suas patas, acabou morrendo de fome. (Carrière 2004, p. 306).

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LIJ9r7h9IUE> – em 28/09/2015

Conforme Lauand; Pinto (2015, p. 35) “um dos principais valores pedagógicos dos contos é a sua potencialidade para fecundas discussões antropológicas” e, no caso do referido conto, fica evidente que o questionamento desestabiliza a rotina da vida da centopeia e por não compreender, ou não conseguir uma resposta, acaba se isolando e morrendo, o que comprova que, às vezes, não temos domínio sobre nossas ações, pois a centopeia estava inserida em um espaço relacionado a sua vivência e as circunstâncias estabelecidas.

Ao mesmo tempo, podemos estabelecer a relação com a voz média, pois, o andar não é atitude calculada, “ativa” (LAUAND, 2015 p. 53).

Assim, o pensamento da centopeia está “em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua não admitir uma terceira opção – a voz média que não é ativa nem passiva – constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade” (ibidem).

Quanto ao conto A Jangada de Buda, fortemente carregado de mensagem oculta, pois se configura metaforicamente¹⁰ com as decisões que devemos tomar no decorrer de nossas vidas, as possibilidades de transformações, sabendo direcionar-se para as decisões prudentes¹¹ que fortalecem para o crescimento humano, pois nem sempre nossas decisões são conscientes e nossas escolhas poderão definir situações futuras.

E assim, [Buda] deu o seguinte : exemplo: Um homem, viajando, chega à margem perigosa e assustadora de um rio de vasta extensão de água. Então vê que a outra margem é segura e livre de perigo. Pensa: "Esta extensão de água é vasta e esta margem é perigosa, aquela é segura e livre de perigo. Não há embarcação nem ponte com que eu possa atravessar. Acho que seria bom juntar troncos, ramos e folhas e fazer uma jangada com a qual, impulsionada por minhas mãos e meus pés, passe com segurança à outra margem". Então esse homem executa o que imagina, utilizando-se de suas mãos e seus pés, e passa para a margem oposta sem perigo. Tendo alcançado a margem oposta, ele pensa: "Esta jangada me foi muito útil e me permitiu chegar a esta margem. Seria bom carregá-la à cabeça ou às costas onde quer que eu vá". [...] – [Buda conclui:] Como agiria ele adequadamente em relação à jangada? Tendo atravessado para a outra margem, esse homem deveria pensar: "Esta jangada me foi de grande auxílio e graças a ela cheguei com segurança, agora seria bom que eu a abandonasse à sua sorte e seguisse o meu caminho livremente" CARRIÈRE, Jean-Claude (2003, p. 346-347). Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F6qkD0Z9RRk> – acesso em 25/09/2015.

¹⁰ “a metáfora (uma forma de *mathal*) é não só para expressar o pensamento, mas também meio do próprio pensar” in: **Educação, contar histórias e artes orientais**. (2012, p. 102).

¹¹ Segundo Isidoro, prudente (*prudens*) significa aquele que vê longe (*porro uidens*), pois tem visão aguda e antevê as possibilidades que podem ocorrer em situações contingentes. In: Lauand (2014, p. 3). **A Prudência – A virtude da decisão certa** Tomás de Aquino. São Paulo: Martins Fontes.

Assim, se a jangada nos foi útil para a travessia, temos que escolher entre continuar a carregá-la ou nos libertarmos para oportunidades de novas travessias.

Se nos direcionarmos ao conto *O preço da fumaça*, temos a reflexão a partir de situações oportunistas para uns, sendo desfavoráveis para outros e a apropriação da linguagem conotativa que nos conduz através das figuras e das situações apresentadas e representadas pela fumaça e pelo tilintar das moedas, nos remete que através da mensagem oculta, devemos ter a base da justiça e da igualdade, pois quem cobra o preço da fumaça deve receber como pagamento somente o som das moedas.

[...] Já pelo início da noite, em um dos cantos do imenso pátio, sobre um fogo aceso, fumegava um grande caldeirão de sopa, cuja fumaça cheirosa e azulada encapava-se pelas frestas da enorme tampa. O pobre Salim, camaleiro de uma daquelas tantas caravanas, tirou do seu bernal um pedaço de pão duro e seco, aproximou-se do caldeirão e pôs-se a passá-lo através dos halos da fumaça, como que a pretender melhorar ou suavizar-lhe o insosso sabor, impregnando-o com um pouco do cheiro daquela sopa. Neste momento, ele ouviu bradarem ao seu lado: - Miserável, ladrão, que Alá, e bendito seja o Todo-Poderoso, te castigue, ó cão! Furtas a minha fumaça. Prendam-no. Era Mustafá, um dos mais ricos chefes de caravanas de Basra, que assim vociferava. Salim foi cercado e rudemente seguro por dois ou três homens, sendo levado à presença de um velho Cádi (juiz entre os muçulmanos), que vinha da capital Bagdá [...] O douto juiz ordenou, então, a Salim, que tomasse numa de suas mãos o seu pequenino saco de moedas, desatando-o do cinto, e que o sacudisse bem, de forma alta e forte, fazendo com que as parcas e ínfimas moedas de cobre existentes no seu interior tilintassem bem alto. - E tu, ó Mustafá, ouviste bem o tilintar sonoro das moedas de Salim? - Sim, Excelência, eu ouvi muito bem. Todas estas pessoas que nos rodeiam testemunharam comigo que tu disseste ter ouvido o tilintar das moedas, quando agitadas por Salim. E, aprende, ó Mustafá, para o resto da tua desprezível vida, que todo aquele que se arvora no direito de cobrar de seu semelhante pelo uso do cheiro de uma fumaça, que se esvai de um caldeirão a cozinhar uma sopa, deve contentar-se em ver-se inteiramente pago pelo tilintar de moedas que sai de dentro do saco que as contém. Repito, estás pago, ó Mustafá. Vai-te, pois, logo deste lugar.

Disponível em: <http://hottopos.com/collat11/101-116MesaRedonda.pdf> acesso em 25/9/2015.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1zIbbIYibA> – em 25/09/2015.

Representando, assim, a conduta de pessoas malvadas que querem “levar vantagem em tudo”. Mais uma vez, elucidando que as narrativas não são simplesmente enredos interessantes, mas autênticos exemplos de vida, que nos abrem os olhos para realidade, muitas vezes encobertas em nosso dia a dia.

Quanto ao conto *O Espelho* – uma antiga história judaica - promove-nos uma reflexão que pode até mesmo se tornar um abalo, pois revela a essência da igualdade do ser humano, pessoas que são egoístas e só pensam em si mesmas e esquecem das necessidades dos semelhantes, situação bastante evidente através de todos os tempos e, ainda mais, na pós-modernidade. Vejamos:

Uma vez um judeu rico e religioso, mas avarento, foi visitado por um rabi. O visitante, com todas as atenções, levou-o à janela. “Olhe lá para fora”, disse ele. O rico olhou para a rua. “Que vê?”, perguntou o rabi. “Vejo homens, mulheres e crianças”, respondeu o rico. De novo e muito atenciosamente, o rabi levou-o até junto dum espelho. “Amigo, o que vê agora?” “Agora vejo-me a mim mesmo”, respondeu o rico. “Tome nota”, disse o rabi, “na janela há vidro e no espelho vidro há também, mas o vidro do espelho é prateado”. Uma lição se aprende: logo que o homem junta prata, ele deixa de ver os outros para só ver a si mesmo.

Disponível em: <http://contosjudaicos.blogspot.com.br/2011/06/o-espelho.html>

Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qxyxW8Ac_0c

Assim, se considerarmos os verbetes “prata” e “vidro” encontramos, respectivamente várias acepções, conforme Houaiss: “prata: 1. elemento químico; 2, dinheiro, 3, prataria, 4, competições esportivas – medalha de prata” e do “vidro”: “substância rígida, amorfa e inorgânica, transparente e quebradiça, fabricada por meio da fusão a altas temperaturas, seguida de rápida solidificação, de uma mistura de silícios (areia) e carbonatos” do resultado da simbiose entre eles temos o “espelho” que, segundo Chevalier & Geerbrant (2009, p. 393) representa “A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência (...) superfície que reflete, seja o suporte de um simbolismo rico dentro da ordem do conhecimento”.

A partir dessa leitura foi possível desenvolver uma reflexão a partir dos vários significados da palavra e abordarmos alguns conceitos de ambiguidade que, em uma explanação simplista, são os possíveis significados de uma palavra, a obscuridade, uma situação que se apresenta subentendida, por não apresentar um significado preestabelecido, possibilitando, assim várias interpretações.

Destarte, a inferência do *Pensamento Confundente* que nos remete a língua como fator primordial para direcionarmos a determinado pensamento, ou seja, vários significados de realidade para uma única palavra. Temos em Lauand (2015, p. 57) que; “Uma dessas formas de acesso ao real é o pensamento confundente: a concentração de uma única palavra de realidades distintas, mas conexas (...)”.

Por outro lado, considerando os contos ocidentais e contemporâneos, é possível perceber através do conto *Uma vela para Dario* o momento da pós-modernidade.

Uma vela para Dario

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo (...) sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodaram-no e indagaram se não se sentia bem.(...).

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam(...)

Um grupo o arrastou para o táxi da esquina (...)quem pagaria a corrida? (...)já não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes. (...)

A última boca repetiu — Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. (...)

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois (...) Dario à espera do rabeção.

TREVISAN, D. O menino que escrevia versos. Disponível em: http://www.releituras.com/miacouto_menino.asp - acesso em 28/09/2015. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Glrte2_LRhw – acesso em 25/09/2015.

Modernidade que se instaura entre nós, quando situações delicadas que deveriam nos conduzir à compaixão e solidariedade tornam-se banais. Vejamos o fragmento:

O enredo é elaborado a partir de um fato que deveria ser, no mínimo, impactante, porém nos revela a passividade e a aceitação das pessoas a partir de uma temática delicada – a morte, com um tratamento de banalidade perante as situações corriqueiras e quotidianas.

A morte, como já dito, é um verdadeiro exemplo da voz média, que se instaura de maneira inusitada e fatídica. No caso do conto, trata-se de um protagonista, sobre o qual se pressupõe que dedicou a vida ao trabalho e, no momento final, cai na rua, é roubado, passa a ser alvo de curiosos, apagam-se as lembranças, sua vida, sua família, sua identidade e, como indigente, fica à espera do rabeção.

O que nos revela, mais uma vez, a conformidade perante situações latentes, podemos recordar do célebre pensamento de Píndaro: *O homem é um ser que esquece*, todos aqueles que por ali passavam tornam-se “esquecentes” da construção da vida humana, representado pelo episódio da morte de “Dario”. Então, “o homem, ele que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu mal feito, mal acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade...ao esquecimento!” (Lauand, 2015, p. 49).

Com isso, a análise retorna às essências do ser humano, ao descaso da sociedade e ao esquecimento; entretanto, uma das missões da educação é direcionar à lembrança e despertar para o oculto, o que parece-nos inacessível, “a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa pela palavra *lembrar*” (ibidem, p. 50).

Mais uma vez, as narrativas nos evidenciam exemplos de situações de vida, de momentos em que são necessárias as tomadas de decisões, que poderiam conduzir a outro desfecho.

As múltiplas possibilidades de significados oferecem ao leitor, por tratar-se do quotidiano, seja com espanto ou com admiração, um novo caminho de leitura e capacidade de um novo olhar. Conforme Lauand ¹²“O que eles fazem é dar-nos um novo - olhar – o de espanto e admiração (ou angústia) – sobre a mesma velha realidade, aparentemente tão inofensiva, que já aí estava...”

Da mesma forma que o desfecho improvável com a chegada de um menino de cor nos desestabiliza. Poderíamos relacionar com ritual de religiosidade e compaixão, pois ninguém se preocupou, realmente, com um homem passando mal entre a multidão, mas um menino – representando, talvez, um diferencial de sensibilidade e respeito ao próximo.

Finalmente, o conto *O menino que escrevia versos* de Mia Couto, nos apresenta a preocupação da família ao descobrir que o jovem filho escreve versos; resolvem, então, procurar um médico. Uma família convencional, estruturada no processo capitalista e formada por um pai mecânico que só “lia motores e interpretava chaparias”, a mãe que cuida dos afazeres da casa e “até cheirava à óleo castrol”, pois a casa era anexada à própria oficina mecânica e o filho, totalmente diferente, com a luz da sensibilidade aflorada e realizações diferentes daquelas concebidas pelos pais e o médico, representando outra classe social e que se apropria da sensibilidade do menino por manhãs e tardes afins.

¹² LAUAND, Jean. **Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração.** International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012. CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto. p. 31.

Nesta análise, percebemos a relevância da integração sobre material/imaterial, corpo/alma; sabendo-se que o homem se constitui e se completa a partir da relação entre mundo do trabalho e mundo do pensamento, ressalta-se que a fundamentação entre a concepção da inteligência se articula a partir da construção do pensamento.

Seguem alguns fragmentos:

O menino que escrevia versos.

- Ele escreve versos!
- O filho confessou, sem pestanejo, a autoria dos versos.
- O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. (...) Dona Severina defendeu o filho e os estudos. (...) O médico que faça uma revisão geral, parte mecânica, parte elétrica.(...) Dói-te alguma coisa?Dói-me a vida doutor. – E o que fazes quando te assaltam essas dores? – O que melhor sei fazer, excelência. – E o que é? – Sonhar.
- Não tenho tempo para isso., moço, aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.
- A mãe, em desespero, pediu clemência.
- Volte daqui a uma semana.(...)
- Não continuas a escrever?
- Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.
O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente:
-Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.
- Não importa — respondeu o doutor.(...)
Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:
- Não pare, meu filho. Continue lendo...
Disponível em: http://releituras.com/miacouto_menino.asp acesso em 25/09/2015.
Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZiaL0ZVvc8A> – áudio.
<https://www.youtube.com/watch?v=I6ZfQL40810>

Partindo do exposto, temos a concepção de Tomás de Aquino para essa integração entre espírito e matéria “*anima forma corporis*” tão bem evidenciada entre as situações que contextualizam o enredo. Lauand (1997, p. 71) acrescenta:

O caso do conhecimento intelectual é mais complexo: o intelecto é reconhecido, por Tomás, como capaz de abertura, sem limites, para o real: “As naturezas intelectuais, porém, têm maior afinidade com o todo do que as outras naturezas; pois, uma substância intelectual qualquer é, de certo modo, todas as coisas, já que pode apreender a totalidade do real pelo seu intelecto; ao passo que qualquer outra substância participa apenas de um setor particular do ser.

Enquanto aflora no menino a subjetividade, a poesia e o trabalho intelectual com as palavras, o pai se instaura em outro patamar, no qual o mundo do trabalho tem relevância máxima, no qual palavras, versos e poesia pertencem ao campo da inutilidade. Sobre essas considerações, enfatizamos as observações de Pieper (apud LAUAND 1987, p. 62):

O mundo do trabalho é o mundo do dia do trabalho, o mundo da utilidade, da sujeição a fins imediatos, dos resultados, do exercício e da função; é o mundo das necessidades e da produtividade, o mundo da fome e do modo de saciá-la. O mundo do trabalho se rege por esta meta: a realização da “utilidade comum”; é este o mundo do trabalho na medida em que o trabalho é sinônimo de atividade útil (à qual é próprio ao mesmo tempo à ação e o esforço).

Neste ponto, temos a relação de semelhança entre o “ato de filosofar” e o “ato poético”, pois ambos têm seu princípio no *mirandum*, naquilo que causa admiração, pois na base de ambos os atos encontra-se a sensibilidade que caracteriza a personalidade do menino.

Obviamente, há inúmeras possibilidades de análises e interpretações para os referidos contos, no entanto, limitamo-nos, no momento, a essas abordagens.

Conclusão

Após a realização do projeto, sua publicação e considerando-se toda a estrutura desenvolvida, ficou evidente que as narrativas e os recursos tecnológicos foram primordiais para estimular os alunos a desenvolverem o projeto apresentado.

Ao mesmo tempo, sabemos que a escola é lugar apropriado para desenvolver a prática da leitura, da produção textual e da reflexão, porém tornam-se necessárias elaborações de projetos que estimulem os alunos, pois há um desafio relacionado à formação do aluno leitor-produto-textual e com a proposta mediada com ferramentas tecnológica percebeu-se um estímulo, tanto para os alunos quanto para mim, no processo de elaboração e finalização.

Entendemos que o professor deve ser o mediador desse percurso e o educando deve saber decifrar os caminhos que lhes são apresentados e perceber-se, não somente como protagonista do processo, mas também perceber que possibilitará liberdade para suas escolhas, para seu cotidiano, adquirindo conhecimento que lhe capacitará, mesmo que implicitamente, a refletir sobre inúmeras situações presentes no decorrer de sua vida com amadurecimento e prudência e não exclusivamente como copistas, leitores passivos e não interpretativos.

Quanto à mediação tecnologia aliada ao processo foi fundamental, ressaltamos que não se tratou de descartar toda a riqueza construída desde do início da humanidade, dos contos, da literariedade etc, mas, sim, rerepresentá-la em novo formato, como uma ferramenta que auxiliou no desempenho e interação do aluno, procurando despertá-lo para um novo olhar, com interesses amplos sobre a essência da construção da vida.

A ferramenta a tecnológica é um instrumento capaz de aproximar ideias e conceitos. Conforme Moran (1989 *apud* HERNÁNDEZ, 1998, p. 37) “Essa perspectiva da globalização trata de unir o que está separado, estabelecendo novas formas de colaboração e de interpretação da relação entre o simples e o complexo”, o currículo permeia a educação escolar deste século com proposta inovadoras de ensino que despertem um novo olhar na prática de aula.

Sobre a comunicação mediada por computadores (CMC) é importante traçar uma reflexão sobre a prática docente, partindo-se da relação da interatividade apresentada por Marco Silva (2004). Nesta perspectiva, ressaltar a importância que a

tecnologia digital e a cibercultura promovem para o cotidiano, no processo educacional, considerando-se a sala de aula como espaço social de interação.

Para tanto, é primordial a aceitação dos novos meios que nos são apresentados, reconhecendo a língua com sua concepção social e como um organismo vivo que se concretiza através do uso em diferentes espaços sociais, aliados à modernidade e, a partir daí, promover um ensino de qualidade que permeie o processo de formação escolar, sem deixar de valorizar a riqueza cultural do mundo e, assim, tentarmos recuperar o que é denominado de “Pedagogia da Admiração” – um abalo que proporciona um novo olhar que exalte o mundo, a natureza, as pessoas, os contos, que possam esconder um encanto inesperado, despercebido e que é maravilhoso.

Referências bibliográficas

BEHRENS, M. A.; MORAN, J. M.; MASSETO, M. T. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2006.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **O círculo dos mentirosos. Contos Filosóficos do Mundo Inteiro**. São Paulo: Códex, 2004.

_____. **Contos Filosóficos do Mundo Inteiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionários dos Símbolos**. 24ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e Mudança na Educação. Os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HOUAISS. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. *On-line*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br> – acesso em 25/09/2015.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

LAUAND, L. J. **Provérbios e Educação Moral – A filosofia de Tomás de Aquino e a Pedagogia Árabe do Mathal**. São Paulo: Hottopos, 1997.

LAUAND, L. J. **O que é uma Universidade?** São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Abalos filosóficos e afins. Por uma Pedagogia da Admiração**. International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto. Disponível em: <http://hottopos.com/isle10/23-34Jean.pdf>. acesso em 25/09/2015.

_____.(trad.) **A Prudência – A virtude da decisão certa**. Tomás de Aquino. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Abordagens Filosóficas. Educação & Linguagem.** São Paulo: Factash Editora, 2015.

BRASIL. **PCN – Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Brasília, Secretaria da Educação média e tecnologia/MEC, 2002.

SILVA, Marco. **Indicadores de interatividade para o professor presencial e on-line.** Revista Diálogo Educacional, vol.4, num.12, maio-agosto, 2004,PP.1-17. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, Brasil.

TAHAN, M. **Minha vida querida.** Rio de Janeiro: Nova Conquista, 1963.

Recebido para publicação em 22-09-15; aceito em 03-10-15